



Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA – 28.09 a 01.10.2015

**A produção artesanal de brinquedo de miriti e suas transformações frente as exigências do mercado**

*The Handicraft production of miriti toys and their changes to the market requirements*

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho<sup>1</sup>; BARROS, Flavio Bezerra<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando FACECON/UFPA e bolsista IC – NCADR/UFPA, [brunodomingues1995@hotmail.com](mailto:brunodomingues1995@hotmail.com);

<sup>2</sup> Docente de Pós-Graduação - IFCH/UFPA e NCADR/UFPA, [flaviobb@ufpa.br](mailto:flaviobb@ufpa.br)

**Resumo**

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa “Memórias e Diásporas dos Artesãos de Brinquedo de Miriti na Amazônia” que visa caracterizar as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas entre os agentes do miriti de comunidades tradicionais no município de Abaetetuba – PA, bem como descrever a história de vida dos artesãos através de técnicas de etnografia, história oral, economia ecológica e antropologia econômica. Especificamente neste trabalho, trataremos acerca do impacto que estes atores sofrem pela cobrança do sistema capitalista, que redireciona a produção do artesanato de acordo com padrões pré-estabelecidos pelas demandas mercadológicas, isto porque, por estas exigências do capital, a produção de brinquedos deixa de ser apenas uma manifestação da cultura amazônica, mas passa a ser uma representação do capital internacional por diferentes maneiras, as quais serão abordadas ao longo deste texto.

**Palavras-chave:** Povos e Comunidades Tradicionais; Economia Ecológica; Antropologia Econômica; Amazônia Brasileira; Etnoecologia.

**Abstract:** This article is based on the research project “Memórias e Diásporas dos Artesãos de Brinquedo de Miriti na Amazônia” that seeks to show the social, cultural, political and economics transformations between miriti agents of the traditional communities at Abaetetuba - PA, and to describe the story of life of the handcrafters in a composition of perspective based on ethnographic techniques, oral history, ecological economics and economical anthropology. In reference to the article, we will treat the impacts that this actors are suffering because of the dynamic of the capitalist system, that redirects the production of the craft according pre-established standards of market demands. This market imposition don't let the production of the toys be only a manifestation of the amazon culture, but transforms it in a representation of international capital in different ways, that will be analyzed at this work.

**Keywords:** Traditional Peoples and Communities; Ecological Economics; Economic anthropology; Brazilian Amazon; Ethnoecology.

**Introdução**

Ao longo de anos, artesãos amazônidas traduziram o seu modo de vida esculpindo na bucha do miriti (*Mauriti flexuosa*) brinquedos e enfeites que simbolizam o mundo do trabalho, do campo, da cidade, das manifestações profano-religiosas. Esta maneira representativa foi transmitida de geração em geração, ou através da observação e anseio por mudanças e melhorias no processo de trabalho entre os



artesãos, que em inúmeros casos, possuíam outras ocupações que exigiam trabalho árduo e pouco valorizado.

Através do artesanato de miriti, o artesão ganha autonomia, seja no âmbito econômico, cultural e social. Durante a produção do brinquedo, há diversos valores da cultura amazônica intrínsecos ali, o brinquedo de miriti não deve ser tratado como representação de objetos, mas como representação da cultura e etnobioidiversidade de um povo, onde desde quando adentra a mata em busca da bucha, o artesão manifesta o seu eu amazônico, e continua o seu processo de afirmação quando realiza o corte, fabrica o brinquedo e, dá a estes, formas do seu cotidiano, representações da sua realidade e demonstra apreço à natureza, quando busca na biodiversidade as cores para embelezar os brinquedos, através do uso de especiarias amazônicas. Contudo, esta valorização do caboclo amazônico e de seu meio encontra-se em risco dada as exigências do sistema capitalista e do processo de globalização, que impõe padrões de gostos e impulsionam mudanças na estrutura de produção do brinquedo de miriti, é sobre estas mudanças, que dedicaremos nossas próximas considerações.

### **Metodologia**

O município de Abaetetuba, situado na região da Amazônia Tocantina, possui 141.100 habitantes e produto interno bruto (PIB) de R\$ 733.494,24 e dimensão territorial de 1.610,408 km<sup>2</sup>. Em sua economia predomina o setor de serviços segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Abaetetuba apareceu no cenário paraense como grande produtora de cachaça, seus traços culturais influenciam bastante em sua economia, seja através do açaí, seja através dos insumos comercializados na feira situada na “beira” de Abaetetuba, dentre eles, produtos derivados do miriti, como o mingau, o vinho, o fruto, cestarias, e os brinquedos, que além de ter uma relevância econômica-social ampla, possui uma incontestável relevância cultural e turística. Durante os meses de maio e outubro, a economia dos povos tradicionais do município é aquecida, dado a ocasião do Festival do Miriti (Miriti Fest) em Abaetetuba, e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, manifestação profano-religiosa da capital paraense e que tem forte relação com os artesãos de brinquedo de miriti.

Durante este trabalho, utilizamos técnicas de história oral (Meihy e Holanda, 2007), de etnografia (Clifford, 2011) e de economia ecológica (Cavalcanti, 2004), bem como pesquisas de campo na Feira de Artesanato de Miriti do Círio de Nazaré, na Trasladação do Círio de Nazaré, além de visitas à “Beira de Abaetetuba”.

### **Resultados e discussões**

A globalização leva ao mundo personagens, modos de vida, culturas e determina padrões de aceitabilidade, e entre as comunidades tradicionais



Figura 1 – Representação de Personagens Midiáticos. 2014 – Bruno Domingues.



de Abaetetuba não é diferente, o “American Way of Life” se alastra, paulatinamente, entre os atores do miriti, mas não por escolha destes, e sim por imposições mercadológicas, o capitalismo estabelece preferências, públicos alvos, e ressignifica todo o processo de produção do brinquedo de miriti, o processo de afirmação do “eu” amazônico divide seu espaço com representações midiáticas, personagens do capitalismo internacional, os artesãos passam a esculpir o que o mercado lhes pede, é comum chegar a feiras, principalmente na capital paraense, e encontrar representações de personagens de filmes, desenhos e representações externas.

Esta mudança na produção do brinquedo de miriti é preocupante, pois põe em risco a continuidade dos valores, saberes e fazeres amazônicos e reforça a ideia de “niilismo amazônico”, ou seja, a negação de suas raízes e de uma vasta e bela etnobiodiversidade, é a ruptura de um processo de trabalho histórico que valoriza outros processos de trabalho no campo, principalmente, quando retratam o extrativismo, o cotidiano ribeirinho e as relações etnoecológicas e etnoeconômicas existentes entre o homem e a Amazônia. Ou, em outra medida, podemos apostar numa ressignificação do fazer tradicional numa perspectiva de amalgamentos de culturas, sem, contudo, haver um processo de erosão biocultural, uma vez que parte dos artesãos continua elaborando os brinquedos tradicionais.

Com efeito, percebe-se também a presença de empresas em busca dos saberes tradicionais que envolvem o miriti, primeiro, a indústria de alimentos com o objetivo de comercializar novos produtos advindos do seu fruto, depois, a indústria de cosméticos em busca da utilização do fruto e de suas propriedades para a fabricação de perfumes, loções, óleos e uma infinidade de produtos, e após terem conseguido, retornam às comunidades a fim de se utilizar do artesanato da bucha da palmeira para a fabricação de embalagens, geralmente para os cosméticos desenvolvidos em outrora, o problema é que tais empresas atrelam o artesão a contratos e os impõem números e prazos, fazendo com que estes voltem a sua produção para empresas e não dos brinquedos, retomando a questão do enfraquecimento da cultura amazônica, isso quando as empresas não se apropriam das propriedades intelectuais dos atores e passam a produzir os materiais em larga escala e em processo fabril, graças à evolução da ciência, que arruma meios de facilitar a produção, o que implica na desvalorização do trabalho artesanal. Sobre o processo científico e empresarial em torno do miriti, veremos o que BARROS (2009) explana:

É relevante destacar, nesse sentido, o papel que os conhecimentos tradicionais das comunidades tiveram e têm para as pesquisas científicas, diminuindo o tempo de estudo pelos cientistas das funções diversas que as várias espécies apresentam. Infelizmente, nem sempre tais conhecimentos são devidamente valorizados e protegidos, o que denota uma sobreposição dos conhecimentos científicos sobre os etnoconhecimentos, com objetivos práticos que atendem, primordialmente, os interesses do capital. O Brasil, como exemplo de país ícone de megabiodiversidade, está no alvo das grandes multinacionais, que vivem em busca de descobertas



que lhes possam render altos lucros. Muitas vezes, os benefícios (lucros) oriundos do uso dos recursos naturais de maneira sofisticada (na forma de produtos industrializados) com base nos conhecimentos tradicionais das populações não são devidamente compartilhados (BARROS, 2009).

Torna-se, portanto, evidente o caráter segregador do capital, pois impõe regras e força o artesão a fugir de suas representações tradicionais, e, sobretudo, não o concede o devido reconhecimento, o capital ignora o processo de trabalho histórico, o processo de trabalho cooperativo e familiar por trás da fabricação do brinquedo. Este trabalho familiar é dividido por sexo e por membro, por exemplo, as mulheres não costumam realizar o corte (apesar de que agora algumas já o fazem), logo, os homens que, geralmente, são os chefes da família realizam o corte da bucha, as mulheres lixam os brinquedos enquanto os filhos os pintam. A comercialização do artesanato é feita na feira do produtor rural de Abaetetuba, nos ateliês da cidade, nas feiras de Belém, venda para lojas de produtos regionais ou durante as ocasiões do Miriti Fest e Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que é o período em que há aumento considerável da venda e, por conseguinte, da renda destes, pois há um aumento da demanda e da oferta.



Figura 2 – O miriti como meio de agradecimento. 2014 – Bruno Domingues.

O crescimento da demanda e da oferta no período do Círio gera mudanças da rotina dos artesãos, eles dedicam dias a mais, para que a representação da etnobioidiversidade amazônica seja perfeita e em larga escala. Como relata o artesão de brinquedo de miriti, o senhor Raimundo Diabinho:

“Eu inda me lembro assim... eles faziam o seguinte, um mês... ai eles trabalhavam sabe? faziam brinquedo, faziam pouco, quando faltava assim um mês, no mês do círio... naquele tempo tinha muito camarão seco, comida fácil assim de fazer, enlatado ai eles compravam farinha, o camarão seco ficava ali em cima... no paneiro, mapará eles preparavam, deixava... eles preparavam tudo pra esse mês, ai eles começavam trabalhar [...]. Ai eles passavam o mês, chegava na hora do almoço ali, pra num tirar a mulher pra... num botar pra cozinhar, nem o cara ir trabalhar, ai eles baixavam o camarão, tiravam uma mão cheia pra cada um, ai fazia o pirão com açaí, aquela coisa, comiam ali trabalhando e ai pra comer na casa, ai quando era de noite corria um cara chata, sabe o que é cara chata? (risos) mingau... ai assim levava. Olha, eu não te digo o mês inteiro, mas uns quinze dias assim pra vim mesmo pra cá, eles faziam direto, direto mesmo.” – Raimundo Diabinho, Artesão.

O relato acima demonstra o quanto é importante a manifestação profano-religiosa do Círio de Nazaré, onde, durante a trasladação e o dia do círio, o artesanato de miriti com suas concepções tradicionais possuem grade importância, pois, devotos de



Nossa Senhora de Nazaré representam nos brinquedos “graças” materiais alcançadas, objetivos conquistados, como a compra da casa, do carro e outros bens, logo, determinações mercadológicas que condicionam o artesão à produção de bens seguindo os seus padrões de mercado prejudicam, inclusive, o processo de produção dos brinquedos para fins da manifestação da cultura profano-religiosa paraense.

### **Conclusões**

Dadas as circunstâncias aqui apresentadas, conclui-se que o mercado funciona como mecanismo de imposição de demandas, em que determina gostos e condições para o fortalecimento de seus produtos e ignora o fator cultural existente entre os atores do miriti, a globalização impulsiona estilos e dita padrões externos aos que tradicionalmente eram trabalhados entre os artesãos. Contudo, a resistência existe! Manifestações como as do Círio de Nazaré reforçam o caráter regional e representativo dos brinquedos de miriti, e não obstante as forças de mercado impulsionem mudanças, muitos artesãos continuam a representar de maneira encantadora a etnobiodiversidade amazônica. São perceptíveis também, as relações etnoecológicas e etnoeconômicas entre o caboclo amazônico e a palmeira, pois este cultiva um apreço por ela para além de fins mercadológicos, mas como instrumento de sociabilidade humana. No entanto, é necessário orientar os artesãos para que continuem o processo de valorização de saberes e fazeres amazônicos e que reflitam e sejam cautelosos quanto a contratos com empresas que rondam Abaetetuba em busca dos conhecimentos tradicionais acerca do miriti, pois isto pode pôr em risco a sua atividade e, sobretudo, as suas tradições.

### **Agradecimentos**

Agradecemos aos artesãos de brinquedo de miriti associados a Associação dos Artesãos de Miriti de Abaetetuba (ASAMAB), que concordaram em conversar conosco durante as visitas aos stands nas feiras de artesanato de Belém e permitiram uso de material fotográfico.

### **Referências bibliográficas:**

BARROS, F. B. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. Ciências Sociais – Unisinos, 45(2): 152-161, 2009.

CAVALCANTI, C. V. Uma tentativa de caracterização da economia ecológica. São Paulo: Ambiente e Sociedade – Vol. VII nº 1; 2004.

CLIFFORD, J. A experiência etnológica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 4ª edição; 2011.

MEIHY, J. C. S. B e HOLANDA, F. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 1ª edição, 176p; 2007.